

# ENTRE ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS*: OS DESAFIOS DA CIDADANIA COMUNICACIONAL NAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS RURAIS NA PARAÍBA

## BETWEEN ESTABLISHED AND *OUTSIDERS*: CITIZENSHIP COMMUNICATIONAL CHALLENGES IN RURAL COMMUNITY RADIOS IN PARAÍBA

Marco Antônio de Oliveira Tessarotto<sup>1</sup>

**Resumo:** O tema apresentado analisou como os membros das comunidades quilombolas/rurais dizem à respeito sobre a cidadania comunicacional fomentadas pelas rádio comunitárias estudadas, indagando se a rádio comunitária contempla a participação dos segmentos negros/rurais em sua grade de programação? A pesquisa de campo com a análise das falas dos sujeitos revelou o jogo dialógico conflituoso entre os receptores do centro urbano e a zona rural nos municípios de Serra Redonda, Alagoa Grande e Santa Luzia no Estado da Paraíba.

**Palavras-chave:** comunicação comunitária; cidadania comunicacional; urbano e rural.

**Abstract:** The theme presented analyzed as the quilombolas communities/rural members say about the communicational citizenship promoted by the studied community radio, asking if the community radio contemplates the participation of black/rural segments in your programming grid? Field research with the analysis of the lines of the subjects revealed the Dialogic game conflicted between the receivers of the urban center and the countryside in the municipalities of Serra Redonda, Alagoa Grande and Santa Luzia in the State of Paraíba.

**Keywords:** community communication; communicational citizenship; urban and rural

---

### 1. Iniciando o Diálogo

O artigo apresentado é uma síntese de uma vertente da pesquisa concluída no mestrado em Sociologia na linha de pesquisa Sociologia da Mídia na Universidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e sociedade civil” do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 10 a 12 de maio de 2017.

Federal da Paraíba. A dissertação teve por objetivo analisar a grade de programação de três rádios comunitárias (Rádio Piemont, Rádio Sorriso da Serra e a Rádio Santa Luzia 104FM) e do empírico se indagou se as mesmas contemplavam ou não a participação dos segmentos rurais e quilombolas nas emissoras pesquisadas.

Em um segundo movimento neste trabalho apresentado, realizaremos um processo a análise sobre as estratégias de articulação entre fala do locutor e comentário dos ouvintes na rádio comunitária Santa Luzia 104 FM que demonstra haver uma intercambialidade que não converge na interação decorrente da fala posta em ação cujo efeito da locução são reinterpretados para além de um *outro* externo ao grupo e que se configuraria como outrem que é indefinido pela população como um interlocutor que vai além dos próprios atores da interação radiofônica, onde nos estudos comunicacionais sobre a referida problemática discursiva circulatória, pretendemos desvelar dentro do ambiente de produção, quais práticas e processos de significação estão sendo elaborados e como os elementos intersubjetivos são acionados pelos atores sociais. Ao analisar naquele contexto, o sujeito mesmo inserido na comunidade de falantes do local, a sua enunciação está repleta de perspectivas outras e diversas, causando estranhamento por parte dos ouvintes.

### **1.1. Em busca de uma cidadania comunicacional**

O debate sobre a democratização e o acesso à comunicação pública e comunitária surgiu nos anos 80, mas somente uma década depois, com o amadurecimento das instituições e dos organismos de controle social vem à tona, na década de 90, a ABRACO (Associação Brasileira de Rádio Comunitária). O ordenamento jurídico, outorga e orientação técnica está expressa na Lei 9.612/98 que autorizou fundações, associações comunitárias, sem fins lucrativos e com a sede (estúdio) à prestar o serviço de radiodifusão comunitária em benefício da localidade em que o sinal abrange, como canal de fala dos atores, de suas necessidades enquanto seres comunicantes.

O termo participação sempre encontrou resistência para sua efetivação, em parte devido aos regimes autoritários enfrentados pelos países latino-americanos,

reflexo deste processo de exceção é que grande parte da população e, em especial a rural encontra-se em um contexto que impossibilitou sua efetiva participação na vida política e nos instrumentos de comunicação de caráter popular como é o caso das rádios comunitárias, espaço este segundo a legislação, de interesse público e de protagonismo social. Neste aspecto, a pesquisa de campo em um primeiro movimento revelou a existência de dois campos em conflito, um das vozes privilegiadas (políticos, personagens sociais, religiosos – da zona urbana) e outro dos silenciados (quilombolas, população de assentamento rurais e de áreas de conflito agrário), fenômeno este, a ser desenvolvido mais abaixo.

## **1.2. Sobre as Ondas Hertzianas**

Desde o experimento trazido à tona por Marconi em 1899 que “conseguiu realizar a primeira ligação por TSF entre a França e a Inglaterra” (Rodrigues, 2001, p. 175), o invento do rádio esteve presente nos maiores acontecimentos da história da humanidade, desde as guerras mundiais enquanto ferramenta de estratégia militar e no desenvolvimento das relações bilaterais entre os países. Pós anos 50, redes submarinas de cabeamento tornariam “quase ilimitadas as capacidades de transmissão simultânea de muitos milhares de sinais e de mensagens” (Rodrigues, 2001, p.176-177).

Neste mesmo constructo de raciocínio, o teórico Niklas Luhmann passou a enxergar a utilização destas ondas hertzianas para outros fins, além das estratégias militares, bélicas ou de “relações bilaterais”. Em suas considerações foi observado que a propaganda e sua lógica discursiva passaram a “acordar ressonâncias arcaicas do nosso imaginário” (Rodrigues, 2001, p.177) como no caso específico das propagandas nazifascistas.

O rádio tem mesmo esse “poder de encantamento”, disse Roland Barthes ao descrever seu papel e cobertura na ocasião do Maio de 1968 na França onde “a palavra radiofônica colou ao acontecimento, à medida que se ia produzindo, de maneira ofegante, dramática, dando a ideia de que o conhecimento da atualidade já

não pertence à imprensa mas sim à palavra” Rodrigues (2001 in Barthes, 1984, p. 328).

A referência de Barthes vem agregar a construção do sentido e da produção que “a palavra informativa (do repórter) esteve tão intimamente ligada ao acontecimento, à própria opacidade do seu presente (...) que era o seu sentido imediato e consubstancial, a maneira de aceder à inteligibilidade instantânea” (Rodrigues, 2001, p. 177-178). Neste sentido, o recurso discursivo do aparelho fonador confere ao enunciador/produtor, a condição de veracidade ao fato, ou na “fusão do signo e da sua escuta”, Rodrigues (2001 in Barthes, 1984, p. 177-178).

## **2. O conflito dos interesses: o mundo da vida *versus* sistêmico**

A mídia comunitária conforme a legislação deveria ser o instrumento de libertação e reconhecimento de grupos excluídos cujo direito à voz é cerceado. A cidadania comunicacional se tornará viável se a rádio comunitária possa deixar “de ser mero instrumento da política e impõe sua própria gramática com a qual os políticos têm que negociar”, e com isso, passe a formar “um dos pré-requisitos para que as discussões a favor do reconhecimento encontrem ressonância” (BARBALHO, 2005, p. 36). É, deste ensejo social que a comunicação comunitária se tornará o caminho para o dialógico democrático.

O espaço discursivo das falas e seus protagonistas na rádio comunitária e consequente reconhecimento das múltiplas facetas sociais é uma formas e caminhos nos quais o sujeito pode contrapor-se enquanto força social, desenvolvendo alternativas e “formas de lidar com os processos de exclusão gerados pela concentração de poder e pela impossibilidade de acesso a formas de participação na vida coletiva que tenha justamente em conta essas diferenças” (SILVEIRINHA, 2005, p. 42).

O atual diagnóstico na gestão das concessões públicas de comunicação comunitária nas cidades analisadas de Alagoa Grande, Serra Redonda e Santa Luzia na Paraíba é que, ao contrário que a legislação prevê, observa-se uma espécie de “ordem natural, estabelecida por Deus e consolidada pela experiência humana”

(GONÇALVES, 2005, p.15) predominantemente urbana. Na análise das falas dos entrevistados foi possível detectar que, mesmo diante das transformações do mundo moderno não ocorreu a destituição dos velhos preceitos (coronelismo) e padrões sociais (apadrinhamento político), mas seu fortalecimento e convivência no presente com novas roupagens institucionalizadas, agora midiáticas.

A problemática entre mídia e poder, onde se inserem neste contexto as mídias comunitárias, pensadas anteriormente, enquanto espaço das falas dialógicas e que assumiram as mesmas lógicas das emissoras comerciais, os interesses nestas mídias são os mais diversos, onde destacamos o de ordem comercial e político que assumem o controle dos valores comunicacionais e estéticos. Deste processo em curso, a instalação do ruído ocorre quando o sujeito enunciador ao assumir os valores sistêmicos se transforma em um *outrem*, sujeito este, indefinido e apartado do simbólico local, o que veremos no segundo movimento de análise do caso.

Raquel Paiva (2014) ao discutir a temática da mídia e do poder, observa que a rádio passa a ser pensada como artefato da indústria cultural, atuando nas formações das consciências, conduzindo atos (subliminares ou não) sob a ótica e pretexto de uma ideologia comercial/sistêmica. Ao modelar a grade de programação da rádio sob o prisma da produção do capital, da ordem de consumo observa-se que o conteúdo simbólico atua como tessitura do construto social, o que no nosso caso, não evitou os ruídos comunicacionais entre o produtor e seu público ouvinte.

O sujeito/público ouvinte nesta esfera comunicacional existe unicamente para garantir a vigência do contrato e as possibilidades da verdade, verdade esta, mediada por um campo de espaço da fala, este controlado, onde o sujeito que produz o sentido é o mesmo que o consume.

## **2.1. A instalação do sistêmico nas rádios comunitárias**

A história brasileira tem se referido aos quilombos e comunidades rurais sempre na perspectiva de um passado a ser negado ou esquecido, como se estes não fizessem parte da vida social e política do País. O preconceito e o silenciamento têm produzido ao longo dos séculos todo tipo de conflito com a sociedade brasileira,

questões estas, ratificadas pela “deturpação” e esfacelamento dos propósitos dos dispositivos legais que disciplinam a radiodifusão comunitária. Esta problemática também foi percebida no estudo realizado na cidade de Campinas – SP. O pesquisador Bruno Fuser (2002) analisou 14 rádios comunitárias, que:

criadas com o objetivo de serem a expressão aberta e plural de uma comunidade ou bairro, estimulando a cultura local e sem fins lucrativos, terem se transformado em espaço ocupado por grupos religiosos e comerciais. Apenas 3 das 14 emissoras pesquisadas possuem características que permitem considerá-las como parte de uma esfera comunitária [...] (FUSER, 2002, p. 53)

Deste dado apresentado, a mídia local que irradia seus sinais eletromagnéticos atua como matriz configuradora das identidades culturais, orientando como as falas de prestígio devem ser apresentadas e, do universo tomado para estudo em Campinas-SP e, no caso específico das emissoras paraibanas, todas as três sem exceção possuem as mesmas descaracterizações descritas por Fuser (2002).

Em uma rápida descrição da grade de programação das emissoras comunitárias paraibanas, as comunidades rurais e entidades de representação possuem nenhuma atuação voltada para a construção de canais dialógicos entre os instrumentos/dispositivos comunicacionais e a interação com os segmentos sociais rurais. Neste cenário apresentado, não evidenciamos a intervenção de nenhuma esfera ou entidade da organização civil capaz de estimular, incentivar a inserção e participação destes segmentos nos processos de mobilização popular, a favor da cidadania e do cumprimento do dispositivo legal como expressos na normativa da Lei 9612/98, Art. 4º, §3 que rege a radiodifusão comunitária.

A outorga de funcionamento expedida pelo Ministério das Comunicações disciplina as ações das rádios comunitárias e explicita sobre um perfil de comunicação legítima e ideal que é aquela que:

(...) deve divulgar a cultura, o convívio social e eventos locais; noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública; promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população. Uma rádio comunitária não pode ter fins lucrativos nem vínculos de qualquer tipo, tais como: partidos políticos, instituições religiosas etc. A programação diária de uma rádio comunitária deve conter informação, lazer, manifestações culturais, artísticas, folclóricas e tudo aquilo que possa contribuir para o

desenvolvimento da comunidade, sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político-partidárias e condições sociais. Deve respeitar sempre os valores éticos e sociais da pessoa e da família e dar oportunidade à manifestação das diferentes opiniões sobre o mesmo assunto. (Ministério das Comunicações)

A intenção de implementação de uma rádio comunitária pretende criar novos canais dialógicos de entendimento, fomentando a emancipação dos sujeitos e segmentos sociais silenciados. Segundo Jürgen Habermas (2003) na Teoria do Agir Comunicativo, o fenômeno da rádio comunitária se encaixa em suas reflexões e contribui para a compreensão do fenômeno da colonização do mundo da vida (comunitário) pelas forças sistêmicas (do neocoronelismo político/religioso).

A programação das rádios analisadas não é um produto da comunidade, naquele espaço atua apenas um locutor/técnico que seguindo a mesma lógica das emissoras comerciais e que não dedica espaço para a fala dos ouvintes e não foi possível evidenciar um programa idealizado e produzido pelos artistas locais. Um dos desafios para a superação dos processos sistêmicos na radiodifusão comunitária será com o deslocamento de antigos preceitos da comunicação e pelo questionamento quanto à veracidade e manutenção de antigos dogmas.

A rádio comunitária se insere na dinâmica de construção da igualdade almejada como uma nova ferramenta de interlocução, mas “há muito ainda que pensar e tentar” (PAIVA, 2005, p. 24), a exemplo da participação e inclusão de sindicatos, associações, movimentos sociais e comunidades negras na programação das rádios comunitárias.

### **3. Sobre o empírico, primeiro movimento tentativo**

Os dados da pesquisa são referentes à primeira fase da pesquisa de campo, onde as tabelas elaboradas por *software* estatístico comprovam as impressões sobre a exclusão dos segmentos negros na rádio comunitária.

#### 1) Sexo dos entrevistados nas três cidades

sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	33	49,3	49,3	49,3
	Feminino	34	50,7	50,7	100,0
	Total	67	100,0	100,0	

Fonte: Do autor - SPSS, 2009

- 2) O Sr. (a) costuma sintonizar a rádio comunitária (Sorriso, Piemonte e Santa Luzia)?

sint \* comunidade Crosstabulation

			comunidade			Total
			Alagoa Grande	Santa Luzia	Serra Redonda	
sint	Sim	Count	17	20	22	59
		% within comunidade	89,5%	87,0%	95,7%	90,8%
	Não	Count	1	0	0	1
		% within comunidade	5,3%	,0%	,0%	1,5%
	as vezes	Count	1	3	1	5
		% within comunidade	5,3%	13,0%	4,3%	7,7%
Total		Count	19	23	23	65
		% within comunidade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Do autor - SPSS, 2009

- 4) 10ª pergunta: O Sr. (a) considera que a rádio está cumprindo com a sua função social para a comunidade?

func \* centro Crosstabulation

			centro		Total
			Comunidade	Centro Urbano	
func	Sim	Count	2	28	30
		% within centro	25,0%	57,1%	52,6%
	Não	Count	4	3	7
		% within centro	50,0%	6,1%	12,3%
	parcialmente	Count	2	18	20
		% within centro	25,0%	36,7%	35,1%
Total		Count	8	49	57
		% within centro	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Do autor - SPSS, 2009

O primeiro item em destaque é que a metade de ambos os sexos responderam os questionários nesta fase da coleta dos dados. O segundo ponto, sobre a audiência da rádio comunitária é que mais de 87% dos entrevistados nas cidades de Serra Redonda, Alagoa Grande e Santa Luzia são ouvintes da emissora local pelo menos uma vez ao dia.

O que nos interessa nesta análise é a última variante da pesquisa, onde se questiona à ambas populações, tanto do espaço urbano, bem como a rural, se a rádio comunitária estaria cumprindo com o seu papel social, como preconizado no dispositivo legal de seu funcionamento. Estes números revelaram a sobreposição da Hipótese (H1) sobre a (H0) ou nula. Na hipótese (H0) pensava-se que ambas as populações não encontrariam opiniões discordantes sobre o papel social da rádio, o que não foi confirmado. Este dado revela a confirmação central da problemática do estudo que, de fato, existe em curso um conflito de interesses entre os sujeitos do centro urbano e do segmento rural.

O problema inicial da pesquisa sobre a possível inclusão ou não dos segmentos quilombolas na rádio comunitária foi ampliado, pois além dos quilombolas, as vozes dos moradores dos sítios, sindicalistas rurais e líderes de assentamentos e áreas de conflito não ressoam naquele espaço “democrático” das falas.

Dos depoentes, destacamos a descrição de uma das rádios comunitárias tomadas para estudo, a rádio comunitária Piemonte na cidade de Alagoa Grande-PB, onde o professor do ensino fundamental e médio, José Abelardo Freire explicou que:

A questão da programação da rádio comunitária existe uma insatisfação da comunidade porque a rádio comunitária nos últimos quatro anos foi mais uma rádio político-partidária. Eu costumo dizer que ela é uma extensão política da prefeitura. Era mais, mas agora não, chegou o período eleitoral e conteve-se mais. Inclusive havia dois programas da oposição, a rádio cortou. Numa apologia tão grande, um dos locutores da rádio é assessor de comunicação da câmara municipal, o diretor da rádio é candidato a vereador do lado do prefeito. (José Abelardo Freire, 38, professor, Alagoa Grande)

O deslocamento de sentido ou a extinção da fala ideal é a morte anunciada do protagonismo social. A colonização do mundo da vida pelo da ação sistêmica passa a coisificar as dimensões do agir comunicativo, transformando a interrelação do sujeito/sujeito pela do sujeito/objeto. Esta consideração pode ser confirmada pela fala

da agricultora, Aurea Alves, na cidade de Alagoa Grande que na rádio comunitária há pessoas:



Contra a gente que somos agricultor, nós queremos o menino do sindicato de Alagoa Grande não pode ser uma voz na rádio, não pode falar pelo povo na rádio, porque ele não deixa, não deixa a participação do sindicato na rádio, é isso que nós queremos ter direito, nós queremos participar da rádio de Alagoa Grande (Aurea Alves, 63, agricultora).

**Fonte:** Do autor, 2009

Nesse ponto, a rádio passa a valorizar as relações do poder político e econômico em prol de uma “maior audiência” em detrimento aos programas artístico-culturais dos movimentos sindicais e negros.

Nas falas dos depoentes fica evidenciada a problemática sobre o conflito existente entre as vozes dos segmentos urbanos e rurais. Ainda, na mesma emissora, a Rádio Piemont faz o uso de dispositivo tecnológico que identifica as chamadas (ao lado do telefone da emissora) e que serve para filtrar as vozes de prestígio, onde os representantes da política local da rádio têm espaço garantido, enquanto as falas críticas e pertinentes dos moradores da zona rural são bloqueadas.



**Fonte:** TESSAROTTO, 2009.

A nova ordem de organização societal e econômica que se empoderou dos espaços comunitários de comunicação construiu estratégias diversificadas para as trocas que assumem formas assimétricas na lógica das relações humanas. As incertezas inseridas nas relações entre os sujeitos atuaram como fator decisivo no campo comunicacional - das redes aos contextos institucionais, Estatais, culturais e comunitários. Desta profusão de sentidos, o sujeito transmutou e deslocou sua autonomia, do espaço físico e do ordenamento social/linguístico vinculado ao local, assumindo o discurso do outro, do sistêmico, político eleitoral, de controle e cerceamento de direitos.

#### **4. O segundo movimento: entre as dissonâncias discursivas e o local da fala**

O município de Santa Luzia, no Estado da Paraíba foi fundado no ano de 1871, período este, de abundância do cultivo do algodão e da pecuária de corte para a produção de couro. A cidade abriga um importante remanescente de quilombo, localizado na Serra do Talhado, comunidade esta, retratada no filme “Aruanda” de 1960 do cineasta Linduarte Noronha, registro cinematográfico considerado um dos expoentes do movimento do cinema novo brasileiro.

A rádio comunitária Santa Luzia 104FM entrou no ar no dia 06/09/2001, desejo este da associação de moradores da cidade que sentiu a necessidade de ter uma rádio em prol da comunidade (*sic.*). Na época da pesquisa, oito locutores voluntários se revezavam nas 11 horas de programação local no comando da emissora. A pesquisa de campo realizada junto aos ouvintes detectou que a maior preferência do seu público é pelo programa esportivo e os destaques do desporto local, seus times amadores e competições, sem a participação efetiva na fala dos atletas, apenas comentários dos operadores de áudio. A manutenção da rádio comunitária por meio do apoio cultural é provido dos pequenos comerciantes da cidade e do trabalho voluntário de amigos. A rádio funciona em consonância com a Lei 9.612/98 e possui um Estatuto próprio que rege seu funcionamento e ações. Em diálogo com Joaldo

Silva, locutor e personagem tomado para análise neste segundo movimento, o trabalho na rádio surgiu de “um desejo pessoal, de colaborar com a cidade”. (*sic*)

Neste segundo movimento, ao explicitar a problemática específica da rádio comunitária 104FM, de Santa Luzia, percebe-se que o fenômeno e problemática de enunciação do locutor faz parte dos novos arranjos de uma sociedade em vias de midiatização (Fausto Neto, 2008) onde uma espécie de *habitus* passou a ser imposto na lógica da radiocomunicação comunitária por meio da fala que o enunciador considera ser a de prestígio, de natureza complexa, não linear e atravessada por lógicas adversas da comunicação comunitária e dos preceitos de uma cidadania comunicativa.

O sujeito, nesta esfera, existe unicamente para garantir a vigência do contrato e as possibilidades da verdade, verdade esta, mediada por um campo de espaço da fala controlado, onde o sujeito que produz o sentido é o mesmo que o consome. A representação desta questão se assume em três esferas, a saber: dos saberes (técnicos/vocais); dos poderes (microfone/enunciação/produção do sentido) e a dos sujeitos (em dupla função, ao mesmo tempo que enuncia, ele recepção o conteúdo e os signos). Nestas três esferas, “o sujeito é um puro efeito do dispositivo, tal uma massa inerte moldada por mãos todo-poderosas de saber e poder” (Paiva *et al.*, 2014, p. 83)

O ato comunicativo é compreendido quase em uma dimensão integrada a uma *bios* orgânica e simbiótica, uma vez que estabelecemos a todo tempo correlações de sentido, “em uma conversação, os signos são emitidos, de um lado, e recebidos, de outro” (Santaella, 2010, p. 362), o desafio desta assertiva se faz quando necessitamos desvendar um esquema que se “desenvolve até chegar à tradução de um signo em um outro signo” (Santaella, 2010, p. 362) desenvolvida no interior de um aparelho radiofônico que chega ao receptor não mais como um signo, mas como ruído/estranhamento. Nos parece neste sentido que a realidade em si mesma, fruto da interlocução humana perdeu sentido.

Da análise do trecho de “oferecimento” de música à uma ouvinte do programa da Rádio 104FM<sup>2</sup>, os “emissores e receptores não são simplesmente emissores e receptores, uma vez que o fluxo de signos está sempre prenhe de vozes, ecos de discursos outros” (Santaella, 2010, p.364) onde, no extrato da programação/anúncio da música do ouvinte pelo locutor, estes “ecos de discursos de outros” assumem grau de potência no discurso radiofônico comunitário fazendo a figura do sujeito *outrem*.

O sujeito *outrem*, sujeito este estranho, surge na transmissão radiofônica comunitária mesmo quando não é “mutuamente conhecido e sua existência acordada, em algum sentido, entre falante e ouvinte. Ele implica fatos mutuamente observados relativos a aspectos da língua e da gramática, competência linguística e traços coincidentes da experiência” (Santaella, 2010, p. 366). Os valores simbólicos, da relação consensual não foram capazes de reconstruir a lógica dialógica das falas. Visualiza-se neste espaço, o problema da circulação como resultado de um processo imergido na midiatização da sociedade. Fenômeno este, como uma “nova arquitetura comunicacional” que também se estrutura na lógica da radiocomunicação comunitária. Tal lógica se expressa na estratégia de enunciação, do sujeito *outro*, que faz surgir o sujeito *outrem*, afetando diretamente o vínculo comunicacional entre o produtor (enunciador-locutor) e seus receptores (jovens da cidade de Santa Luzia-PB).

#### 4.1. Na lógica da midiatização e da enunciação

A estrutura midiática que complexifica e “coisifica” papéis, o locutor da rádio comunitária 104FM assumiu o papel de *outro* sujeito que enuncia (entonação), mas que devido aos ruídos do aparelho “fonador” incompatível e do dispositivo tecnológico gerou “novas condições, produtores/receptores de discurso” (Fausto Neto, 2010, p.3) dando origem ao “*outrem*” dentro no espaço radiofônico. O *outrem* é o sujeito

---

<sup>2</sup> O referido trecho enunciativo do locutor está disponível em: <https://1drv.ms/u/s!ArxSpWdOTmXWpzhulg75Tih9Zi8>, acesso em 23 abril de 2017

indeterminado, deslocado geograficamente, desterritorializado de vínculos, estranho ao público ouvinte<sup>3</sup>.

Interessante perceber ainda, no caso da Rádio 104 FM que a emergência das tecnologias, seu desenho interacional entre sujeitos, os elos resultantes entre o produtor/emissor e receptor seriam baseados em modelos de compreensão recíprocos, quase que matematicamente calculados, o que não ocorreu neste caso. O único elemento simbólico que atua como “ponto de articulação” garantindo que a estrutura dialógica básica entre emissor e receptor atuasse foi a de fator identitário, expresso pelo universo musical representado pelo ritmo do forró. Este “cimento” articulou como liga de pertença entre sujeitos, mesmo diante dos “descompassos entre intenções das emissões e suas contrariedades receptoras” (Fausto Neto, 2010, p.4).

Na atual realidade dos dispositivos da comunicação comunitária, a técnica passou a condicionar o comportamento e atuação de seus locutores. Na pesquisa de campo sobre o funcionamento da Rádio 104FM, o responsável técnico na locução era Joaldo Silva que durante a entrevista, apresentou voz, sotaque e entonação compatível com a população da cidade mas, ao “abrir” o microfone da rádio surge por trás da mesa de som este *outro* ser comunicante que, ao enunciar as atrações, irradia pelas ondas eletromagnéticas da frequência modulada, o sujeito *outrem*.

Neste jogo de disputas discursivas e de reconhecimento fica evidente “as diferenças entre produtores e receptores de mensagens” (Fausto Neto, 2010, p.5) cuja problemática assume uma nova esfera da circulação comunicacional., cuja “noção de circulação estava condicionada uma ação tecno-discursiva desferida pela instância produtiva” (Fausto Neto, 2010, p. 7)

O quadro/modelo de elocução apresentado pela Rádio 104FM traz à tona várias indagações sobre: Qual a intencionalidade do locutor ao se caracterizar como o *outro*? Na configuração do “ser”/“não ser”, do “on” e o “off” onde e como os sujeitos se intercalam no “abrir” e “fechar” dos microfones? Os segmentos rurais comunitários,

---

<sup>3</sup>O conflito discursivo e de reconhecimento está expresso na opinião dos jovens sobre a atuação do sujeito *outrem*, disponível em: <https://1drv.ms/u/s!ArxSpWdOTmXWpzx5zr341ncoBxQ>, acesso em 23 Abril 2017.

quilombolas serão capazes de entrar no jogo de disputas de reconhecimento na esfera da comunicação comunitária?

Em relação a produção dos efeitos deste *outrem* sobre a recepção percebemos que ocorre no “deslocamento do exame do ato comunicativo de uma problemática instrumental para aquela dimensão discursiva (da enunciação) que vai oferecer os ‘insumos’ da perspectiva do ângulo da complexidade” (Fausto Neto, 2010, p.8) midiaticizada.

Neste cenário, a radiodifusão comunitária passa a ser estruturada por uma lógica que vaza ao circuito, uma vez que na sua constituição, os laços comunitários e a enunciação discursiva devem atingir uma máxima nos sentidos comunicacionais e na preservação das garantias de uma cidadania comunicacional,

### **Costurando e desenhando considerações sobre a experiência**

Pode-se destacar em primeiro plano que os desvios dos princípios normativos da radiodifusão comunitária através de uma abordagem sobre os modelos atuais de implementação das políticas públicas universalistas permanecem viciadas pelos antigos sistemas burocráticos que diretamente contribuem para o surgimento de uma nova figura nas comunicações que são os “neocoronéis” midiáticos.

Deste cenário, questiona-se se a rádio comunitária no espaço rural será capaz de ser o instrumento e canal dialógico para o retorno do equilíbrio perdido? O desafio deste dispositivo será o de redescobrir o caminho para a sua efetiva emancipação por vias do agir comunicativo, onde a rádio comunitária possa aparta-se daquilo que reprime ou distorce o diálogo para somente assim, reconstruir o que foi ocultado e negado ao longo da história destes sujeitos sociais.

Percebe-se neste segundo movimento de análise que o conceito de circulação discursiva na rádio comunitária passa a assumir e a se caracterizar como uma “zona de indeterminação”, cujas expectativas de produção de sentido do enunciador/locutor foram deturpadas quando o mesmo ao assumir o papel do *outro*, o mesmo se transmuta no *outrem* cujas lógicas enunciativas vazam ao circuito radiofônico, de esfera comunitária.

O ato comunicativo nas rádios comunitárias (Piemont, Alagoa Grande e 104FM de Santa Luzia-PB passaram a serem vinculadas em uma nova lógica estruturante discursiva, onde o microfone da rádio transfere o sujeito falante e o desloca para um outro e novo espaço-tempo territorial e de pertencimento. O interesse pelo estudo de caso, análise da problemática da produção de sentido e da circulação traz fôlego as pesquisas radiofônicas no contexto das emissões comunitárias, observando como o ordenamento midiático e seus processos de “dissonâncias” formaram novas estruturas comunicacionais entre os produtores e seus receptores.

A descrição do fenômeno apresentado revela um duplo desafio para a concretização da cidadania comunicacional e da democracia das falas na radiodifusão comunitária. A figura do estabelecido é aquele que adquiriu por vias políticas, religiosas, comerciais e de outras ordens, o “status quo” de sujeito da enunciação. O sujeito *outsider* surge naquele espaço comunicacional fruto de processos tentativos de reconhecimento e de vinculação a um local que inexistia no imaginário do público ouvinte. Nestes dois movimentos de análise, pode-se afirmar a existência de dois ou mais filtros que se retroalimentam das lógicas e dinâmicas sistêmicas atuando contra a efetivação dos direitos à cidadania comunicacional.

## Referências

BARBALHO, Alexandre. **Cidadania, Minorias e Mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulus, 2005. p. 31, 32, 34, 36

FAUSTO NETO, Antonio. **A Circulação Além Das Bordas. Mediatización, Sociedad Y Sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina.** In: Coloquio del Proyecto “Mediatización, sociedad y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos”. Programa de Cooperación Científico-Tecnológico. Buenos Aires, MINCYT-CAPES 2009-2010, 2010, p. 2-18.

FUSER, Bruno. **Rádios comunitárias em Campinas: do popular ao comercial e evangélico.** Disponível em: [www.eca.usp.br/associa/alaic/boletin8/bruno\\_arquivos/bruno.doc](http://www.eca.usp.br/associa/alaic/boletin8/bruno_arquivos/bruno.doc), acesso em 20 abril. 2017.

GONÇALVES, Márcio Souza. **Minorias, Identidade e Virtualidade. Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo, Paulus, 2005. p. 71,72,77,79,80, 81, 95, 96

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Rádio Comunitária.** Disponível em: <http://www2.mcti.gov.br/index.php/radiodifusao-comunitaria>, acesso em 20 abril 2017.

PAIVA, Raquel. **Mídia e Política de Minorias.** Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15 - 24

PAIVA, Raquel. **Mídia e Poder: ideologia, discurso e subjetividade.** In E. C.; J. F. FILHO (org.). Rio de Janeiro: Mauad X, 2014, p. 312

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação: Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade.** Lisboa: Editorial Presença, 3ª ed, 2001, p. 224

SANTAELLA, Lucia. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade.** São Paulo: Paulus, 2010, p. 400.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. **Jürgen Habermas: razão comunicativa e emancipação.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008, p. 184.

SILVEIRINHA, Maria João. **Democracia e Reconhecimento: repensar o espaço público.** Comunicação e cultura das minorias. São Paulo, 2005. p. 42, 45, 49, 57-59, 64, 67,68.

## Áudios

SILVA, Joaldo. [set. 2008]. Entrevistador: Marco Antônio de Oliveira Tessarotto. Santa Luzia-PB, 2008. 1 arquivo .mp3 (9 seg.). Parte do trecho da programação encontra-se transcrito no Resumo. Disponível em: <https://1drv.ms/u/s!ArxSpWdOTmXWpzhuIgv75Tih9ZI8>, acesso em: 18/04/2017.

N/D. [set. 2008]. Entrevistador: Marco Antônio de Oliveira Tessarotto. Santa Luzia-PB, 2008. 1 arquivo .mp3 (9 seg.). Comentários de jovens sobre o locutor, parte do trecho encontra-se transcrito no Resumo. Disponível em: <https://1drv.ms/u/s!ArxSpWdOTmXWpzKx5zr341ncoBxQ>, acesso em: 18/04/2017.

## Dissertação

Tessarotto, Marco Antônio de Oliveira. **Rádiodifusão comunitária e inclusão dos segmentos quilombolas na Paraíba: referências e análises sobre a fala ideal.** Marco Antônio de Oliveira Tessarotto. – João Pessoa, 2009. 115 f.: il. Orientador: Wellington Pereira. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/7337/1/arquivototal.pdf>, acesso em 23 abril. 2017.